

Grandes e terríveis feras comedoras de carne sempre dividiram espaço com os humanos. Fizeram parte da matriz ecológica na qual o *Homo sapiens* evoluiu e do mesmo contexto psicológico em que surgiu nosso sentido de identidade de espécie. Estiveram presentes nos sistemas espirituais que inventamos para segurar as pontas. Os dentes de grandes predadores, suas garras, ferocidade e fome eram realidades sinistras que podiam ser evitadas mas não esquecidas. De vez em quando, um carnívoro ameaçador emergia de uma floresta ou um rio como uma sentença para matar alguém e alimentar-se do corpo. Era um tipo conhecido de desastre - como acidentes de carro atualmente - que deve ter parecido mórbido e assustador a cada vez, apesar da familiaridade. E transmitia uma certa mensagem. Entre as formas mais primitivas de autoconsciência humana estava a consciência de ser carne.

Hoje em dia o termo "devorador de homens" pode parecer retrógrado. Os que se importam com grandes animais carnívoros gostariam de livrar-se dele de uma vez. Pode-se argumentar que o termo é sexista: devorador de *homens*. Pode-se dizer que é enganador e sensacionalista, que tende a reforçar uma atitude excessivamente medrosa em relação àquelas espécies que às vezes matam e comem um humano. A primeira objeção - sobre sexismo no uso de "homem" - é um argumento semântico que deixarei para semantistas. A segunda - sobre sensacionalismo e medo - é que é relevante aqui. Há alguma legitimidade nesse desconforto com o termo. O valor de choque da noção de devorador de homens foi mais do que explorado. As estantes do meu escritório, abarrotadas com literatura sobre predação, abrigam alguns livros descaradamente lúgubres, com títulos como *The Jaws of Death* [Mandíbulas da morte], *Crocodile Attack* [O ataque dos crocodilos], *Man Is the Prey* [O homem é a presa] ou simplesmente *Attacked!* [Atacados!]. A foto de capa deste último mostra a bocarra de um urso-grizzly, dentes arreganhados (ou talvez seja um bocejo, ou o que biólogos chamam de *flehmen*, que tem a ver com farejar) que exibem os grandes caninos e a língua malhada de rosa e cinza. Esse é um *close-up* tão íntimo que é quase possível olhar dentro da garganta do urso e imaginar-se em seu estômago, junto com as raízes yampah e as murtas e os pinhões de *whitebark*. Três outros livros em minha coleção díspar levam os títulos *Maneaters* [Devoradores d'homens], *Man Eaters* [Devoradores de homens] e *Man-Eater* [Devorador-de-homens], cada um com sua capa de dentes arreganhados e um com o subtítulo *True Tales of Animals Stalking, Mauling, Killing, and Eating Human Prey* [Lendas reais de animais espreitando, estraçalhando, matando e comendo presas humanas]. Aqui à mão tenho também *The Man-Eaters of Tsavo* [Os devoradores de homens de Tsavo], um clássico no gênero escrito pelo tenente coronel J. H. Patterson, que como supervisor de construção da estrada de ferro de Uganda em 1898 matou os dois leões encenqueiros de seu título. Decorando a capa de meu Patterson está - dá para adivinhar? - o rosto de um leão com dentes arreganhados. O propósito de todas essas imagens ameaçadoras, acompanhadas da palavra "devorador de homens", é vender melodrama zoológico. Com menos caridade, podemos até chamar de pornografia de predador. Esse melodrama, esse pornô denteadado, dá uma impressão distorcida da relação carregada e antiga entre grandes carnívoros e o primata que, em momentos de desespero temerário, eles tomam como presa.

Apesar dessas objeções, não estou disposto a ver o termo "devorador de homens" apagado por completo de nossos dicionários. Inflamatória ou não, sexista ou não, a expressão tem um propósito na língua inglesa. Simplesmente não há alternativa precisa e neutra em gênero que diga a mesma coisa com o mesmo grau de baque seco e atávico. Ela merece ser preservada porque rotula e comemora uma experiência elementar - momentos raros em que membros de nossa espécie são relegados à condição de carne comestível. É um lembrete de onde estivemos, por dezenas de milhares de anos, na cadeia alimentar de poder e glória. Isto é, nem sempre e incontestavelmente no topo.

Quem são esses devoradores de homens? Definido de forma geral, o grupo incluiria uma quantidade de espécies pequenas e gregárias de predadores comedores de carne, assim como espécies grandes e solitárias. Conteria hienas, chacais, lobos, cães selvagens, piranhas e provavelmente algumas outras espécies de mamíferos e peixes que viajam em matilhas ou cardumes e às vezes se unem contra um humano. Mas esses não são os devoradores de homens que nos interessam aqui. O que peço ao leitor é que contemple as dimensões psicológicas, míticas e espirituais (assim como as implicações ecológicas) de um tipo específico de relação: o confronto predador-presa entre um animal perigoso, comedor de carne, e uma vítima humana. Essa relação, acredito, tem desempenhado o papel crucial de definir como nós humanos percebemos nosso lugar no mundo natural.

Não há nome científico coletivo ou categoria formal para os animais de que falo. Na falta de rótulo melhor, vou chamá-los *predadores-alfa*. Eles pertencem a um grupo seletivo mas diverso que transcende fronteiras zoológicas para abranger alguns mamíferos, alguns peixes e alguns répteis. Em termos puramente científicos, o agrupamento é artificial; ele não tem bases taxonômicas ou ecológicas. Sua existência é psicológica, e foi inculcada na mente humana. Incluí o tigre (*Panthera tigris*), o urso-pardo (*Ursus arctos*), o tubarão-branco (*Carcharodon carcharias*), o crocodilo-do-nilo (*Crocodylus niloticus*), o crocodilo-marinho (*Crocodylus porosus*), o leão (*Panthera leo*), o leopardo (*Panthera pardus*), o tubarão-do-ganges (*Glyphis gangeticus*), o urso-polar (*Ursus maritimus*) e o dragão-de-komodo (*Varanus komodoensis*), assim como algumas outras espécies. A suçuarana (*Puma concolor*) parece estar ressurgindo como candidata. A píton-africana (*Python sebae*), a píton-reticulada (*Python reticulata*), a suçuri (*Eunectes murinus*) e a onça (*Panthera onca*) poderiam também qualificar-se, além de várias outras espécies de crocodilianos e tubarões. Mas é mais ou menos isso. Gatões, alguns peixes

cartilagosos, alguns répteis, um par de ursos - é uma lista curta e formidável. O que os diferencia de todas as outras criaturas e o que os faz tornarem-se semelhantes entre si é que cada uma dessas espécies tem membros grandes, ferozes, vorazes e indiscriminados o suficiente para - ocasionalmente - matar e comer um humano. O perigo que eles representam para as pessoas é diferente de todos os outros perigos zoológicos.

Elefantes provocam pisoteios fatais todos os anos, tanto na África quanto na Ásia, mas não se alimentam das vítimas. Bisões e rinocerontes podem ser tão letais quanto caminhões desgovernados, mas não são carnívoros. Hipopótamos, a despeito de seu vegetarianismo, são perigosos para habitantes rurais que vivem e trabalham ao longo de certos rios. Hienas atacam humanos, mas elas caçam em grupo, não são predadores solitários. Da mesma forma, há notícia de lobos que investem contra pessoas na Índia e em outros lugares, mas costumam fazê-lo em matilhas, não como indivíduos. Najas, mambas e outras cobras peçonhentas causam muitas mortes todos os anos; escorpiões e aranhas, algumas. E os mosquitos da malária poderiam ser considerados a forma silvestre mais exterminadora do planeta. Mas todos esses animais disseminadores da morte ficam fora da categoria que delimito aqui. Eles não são devoradores de homens. Não são predadores-alfa.

Os predadores-alfa, assim como as reações que eles evocam, transcenderam a dimensão física de pura luta mortal, encontrando seu caminho também na mitologia, na arte, na literatura épica e na religião. No Egito havia Sekhmet, a deusa com forma de leão, conhecida por sua sede de sangue em sua associação com a guerra, a praga e a morte. As esfinges eram criaturas com corpo de leão e cabeça humana, às vezes asas, cuja disposição era mais ambígua do que a de Sekhmet. Não só no Egito mas em todo o Oriente Médio antigo, o leão era o predador preeminente e o primeiro modelo para ícones predatórios, o que é representado também na escritura judaico-cristã. Ele é mencionado na Bíblia pelo menos 130 vezes (pela conta de um especialista paciente). Um leão no Livro de Jó serve como lembrete, como tantas coisas naquela lenda ricamente sombria, de desastres que aguardam o orgulhoso. "O rugido do leão e a voz do leopardo, e os dentes dos filhotes são quebrados", diz Jó 4:10. "Morre o leão por falta de presa, e a cria da leoa se dispersa." Os leões enfrentados por Daniel, quando este está fechado em seu covil, servem como árbitros de proibição por abrir mão de comê-lo; mais tarde, eles fazem o obséquio de devorar os sátrapas conspiradores que puseram Daniel em má posição. No primeiro livro de Samuel, um obscuro rapazola chamado Davi, apresentando-se a Saulo como o homem que enfrentaria Golias, gaba-se de em seus tempos de pastoreio ter com frequência matado leões que atacavam seu rebanho. Ele vai cuidar do grandalhão filisteu, Davi promete, do mesmo jeito que cuidou daqueles gatos. E do Salmo 7 vem isto:

*Iahweh, meu Deus, eu me abrigo em ti!
Salva-me de meus perseguidores todos! Liberta-me!
Que não me apanhem, como um leão,
e me dilacerem, e ninguém me liberte.*

Eram esses, e os outros mais ou menos 126 leões bíblicos, feras puramente imaginárias? Eram eles quimeras forjadas a partir de arquétipos de rumores distantes? Não, eram leões reais lançados numa procissão de parábola sagrada. Eram correlatos teológicos da fauna local.

Na Índia havia Narasimha, o deus-homem com cabeça de leão, venerado como o quarto avatar de Vixnu. No norte da Austrália, ao longo da costa leste de uma grande reserva aborígene conhecida como Terra de Arnhem, o povo yolngu reconhecia no passado - e ainda o faz - conexões totêmicas intrincadas com animais nativos familiares, como o crocodilo-marinho, respeitosamente chamado de Bäru. Os inuítes da Groenlândia e do norte do Canadá têm suas lendas sobre o urso-polar, inclusive acerca de uma ursa que comeu uma mulher grávida mas criou com amor o menino que arrancou de seu ventre. Os massai do leste da África fazem a tradicional caça cerimonial ao leão, *alamaiyo*, durante a qual guerreiros provam sua coragem e ganham glória, tendo o primeiro homem a atingir o leão direito à juba e à cauda como troféus. Na ilha de Komodo, no arquipélago indonésio, homens primitivos enterravam seus mortos em covas rasas (cavar mais fundo deveria ser impossível naquela paisagem pedregosa e vulcânica) e então as tapavam com dólmenes de grandes pedras, obviamente para impedir os *Varanus komodoensis* de comer os corpos. Dentre os ainos da ilha de Hokkaido, no Japão, o urso-pardo, *higuma*, era venerado como deus da montanha; mesmo assim, os ainos praticavam um rito em que um filhote de urso era criado e depois morto, "mandado para casa", com dois ou três anos de idade.

O culto ao tubarão em algumas ilhas do Pacífico funcionava de maneira parecida ao culto aos leões, pelo menos até que missionários cristãos chegaram para desaprovar a prática. Nativos das Ilhas Salomão erigiram altares de pedra e, de acordo com um relato, faziam sacrifícios humanos para um deus tubarão chamado *takw manacca*. Fidjianos realizavam uma cerimônia beija-tubarão duas vezes por ano, em parte para trazer segurança para os locais onde tomavam banho.

Numa região montanhosa do centro-oeste de Sumatra, o povo kerinci sacralizou sua visão do *Panthera tigris* com uma distinção entre duas formas de grande gato, o tigre físico (*harimau biasa*) e o tigre espírito (*harimau roh*). Aquele é temido; este, venerado como um guardião ancestral e árbitro. Quando enfrentam dificuldades extremas, um kerinci pode invocar *harimau roh* e tornar-se possuído e encorajado por sua energia tigrina. No leste do Congo, havia uma noção paralela sobre a troca de forma entre humanos e leopardos, gerando abuso na forma de homens-leopardo, conhecidos como anito, que

às vezes usavam armas que pareciam garras para pôr a culpa de seus assassinatos em leopardos reais. E entre a nação udege do sudeste da Rússia, cuja cultura tradicional orbita em torno da caça e da captura, a fera soberana da floresta é o Amba, nome que dão ao que chamamos de tigre-siberiano. O Amba é às vezes considerado um bom sentinela e guardião, outras vezes ressentido como competidor por caça, mas raramente temido como ameaça direta. Deixe-o em paz, os udegas parecem acreditar, e o Amba o deixará também.

Amba, o tigre, e Bäru, o crocodilo, receberão mais atenção neste livro, assim como o urso-pardo, um onívoro impetuoso que inspira apreensão complexa não só em Hokkaido mas pelos confins do norte de três continentes, e uma subespécie pouco conhecida de leão, *Panthera leo persica*, que hoje sobrevive somente num enclave de bosque no oeste da Índia. Esses quatro casos definem o itinerário geográfico que percorri no curso de minha pesquisa: da floresta de Gir (com seus leões) no estado indiano de Gujarat, à reserva da Terra de Arnhem (com seus crocodilos) no norte da Austrália, aos Cárpatos da Romênia pós-comunista (com sua surpreendente abundância de ursos-pardos), à cadeia nevada de Sikhote-Alin (o último reduto dos tigres-siberianos) no extremo oriente russo. Índia, Austrália, Romênia, Rússia - é um circuito errante e longínquo, mas grandes predadores só podem ser encontrados nesses lugares. Embora cada um desses casos seja peculiar, e aparentemente marginal às maiores preocupações do mundo (até mesmo às que dizem respeito aos grandes predadores, onde eles são mais conhecidos), cada um é também, à sua maneira, emblemático e revelador. Paisagens têm o poder de ensinar, se buscamos com cuidado. E paisagens remotas ensinam as lições mais raras, mais serenas. Meu itinerário pelas fontes míticas e literárias tem sido igualmente desigual e tortuoso. Voltei a *Beowulf* para dar uma nova olhada no devorador de homens Grendel; considerei memoráveis alguns monstros da antiga poesia babilônica (Humbaba no *Épico de Gilgamesh*, Tiamat em *Enuma Elish*); consultei a *Saga dos Volsungs* da Islândia medieval por seu retrato de um dragão vermiforme; e me lancei no futuro (pelo menos como Hollywood o imagina) para estabelecer uma conexão entre essas feras brutais e o predador extraterrestre enfrentado pela personagem de Sigourney Weaver nos filmes *Alien*. Pode um filme como *Alien: a ressurreição* ser considerado literatura? Não, mas ele certamente toma parte no processo em que percepções e ansiedades míticas são reforçadas. *Beowulf* também, em seu tempo, era uma forma de diversão popular.

Escritura é outro assunto. Monstros escriturais tendem a ter fins didáticos, não só papéis narrativos sinistros. E certas instâncias combinam didático com sinistro especialmente bem. Passando pelos leões mencionados em Jó 4 e outros lugares - que, apesar de bastante assustadores, são animais ordinários e não oferecem ameaça extraterrena - chego ao verdadeiro bicho-papão de todos os monstros retratados na Bíblia, o arquétipo dos predadores-alfa: Leviatã.